



Matrizes

ISSN: 1982-2073

ISSN: 1982-8160

matrizes@usp.br

Universidade de São Paulo

Brasil

Aguiar, Sonia

**Comunicação e cultura transnacionalizadas: contribuições
de Armand e Tristan Mattelart às geografias da comunicação**

Matrizes, vol. 14, núm. 3, 2020, Septiembre-, pp. 175-195

Universidade de São Paulo

São Paulo, Brasil

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v14i3p175-195>

Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=143066629010>

- Cómo citar el artículo
- Número completo
- Más información del artículo
- Página de la revista en redalyc.org

redalyc.org

Sistema de Información Científica Redalyc

Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal
Proyecto académico sin fines de lucro, desarrollado bajo la iniciativa de acceso
abierto

Comunicação e cultura transnacionalizadas: contribuições de Armand e Tristan Mattelart às geografias da comunicação

Transnationalized communication and culture: Armand and Tristan Mattelart legacy for the geographies of communication

SONIA AGUIAR^a

Universidade Federal de Sergipe, Programa de Pós-graduação em Comunicação. Aracaju – SE, Brasil

RESUMO

Este artigo procura evidenciar, por meio de análise bibliográfica comparativa, como as trajetórias intelectuais de Armand Mattelart e Tristan Mattelart – pai e filho – se entrecruzam, dialogam e se diferenciam em torno de referenciais geo-históricos e geoculturais dos fenômenos, sistemas, redes e políticas de comunicação e informação que investigam. A partir dessa perspectiva espacial, foi possível identificar que esses dois autores elegem escalas geográficas diferentes como ponto de partida para a abordagem dos objetos de estudo que privilegiam ao longo dos seus respectivos percursos acadêmicos. Entretanto, ambos se encontram no caráter transnacional e transfronteira dos fenômenos comunicacionais e culturais que observam.

Palavras-chave: Comunicação internacional, indústrias culturais, sistemas de informação

^aProfessora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe (PPGCOM-UFS). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9041-268X>. E-mail: saguiar.ufs@uol.com.br

ABSTRACT

This paper aims to show, by means of comparative bibliographic analysis, how the intellectual trajectories of Armand Mattelart and Tristan Mattelart – father and son – intertwine, dialogue and differentiate from each other, in regards of geo-historical and geo-cultural approaches on communication phenomena, systems, networks and policies and information they investigate. From this spatial perspective, it was possible to identify that these two authors choose different geographical scales as a starting point to approach the objects of study that they privilege, along their respective paths as researchers. But both come together in the transnational and cross-border character of the communicational and cultural phenomena they observe.

Keywords: International communication, cultural industries, information systems

DESDE A SEGUNDA metade do século XX, expressões como *geography of media and communication*, *geographies of communication*, *communication geography*, *media geography*, *media geographies*, *geographies of media*, *geomedia*, *geocommunications*, *géopolitique des médias*, *media globalization*, *geographies of the internet*, entre outras, vêm sendo utilizadas tanto por geógrafos quanto por pesquisadores de comunicação e mídia, sobretudo nos Estados Unidos e em países nórdicos.

Embora seja difícil identificar o ponto de partida dessa aproximação entre os campos da Geografia e da Comunicação, conforme assinalado por James Craine (2014), a referência mais antiga até agora localizada nesse eixo paradigmático foi feita pelo geógrafo francês Gilbert Maistre, no artigo *Pour une Géographie des Communications de Masse*, de 1971. Porém, para Craine: “O que agora consideramos como o subcampo de geografia da mídia foi talvez abordado pela primeira vez em . . . 1985”¹ (para. 2), na coletânea *Geography, The Media and Popular Culture*, editada em Londres por Jacquelin Burgess e John R. Gold (1985).

É nítido, contudo, que esse subcampo de estudos que no Brasil denominamos consensualmente de Geografias da Comunicação vem se consolidando, internacionalmente, a partir das obras dos pesquisadores de mídia suecos Jesper Falkheimer e André Jansson (2006) e do geógrafo estadunidense Paul Adams (2009). Esses autores demonstram, em seus trabalhos, a importância do pensamento interdisciplinar para a compreensão do papel das espacialidades na configuração das diversas formas de expressão midiática e de sistemas de comunicação e informação. A relevância dessa abordagem, como ressaltou Craine (2014), deve-se ao fato de que os lugares e os espaços da comunicação e da mídia não são neutros, logo é preciso identificá-los e analisá-los. Esta é uma questão que Armand Mattelart já assinalara no livro *A Invenção da Comunicação*:

Cada época histórica e cada tipo de sociedade possuem uma determinada configuração favorável à comunicação, que lhes é devida. Esta configuração com os seus diversos níveis (económico, social, técnico e mental) e as suas escalas (local, nacional, regional ou internacional) produz um conceito de comunicação hegemónica. Na passagem de uma configuração a outra, importa sublinhar continuidades e rupturas. Ao longo do tempo que é estudado, o conceito recompor-se-á imensas vezes numa figura inédita, sem contudo se abstrair dos elementos presentes no modo de comunicação anterior. (A. Mattelart, 1994b, p. 10, grafia em português de Portugal)

¹ No original: “What we now consider the subfield of media geography was perhaps first addressed in . . . 1985”. Esta e demais traduções da autora.

É sob essa perspectiva espacial (notadamente geo-histórica e geocultural) que este artigo visa evidenciar, por meio de análise bibliográfica comparativa, como as trajetórias intelectuais de Armand Mattelart e Tristan Mattelart – pai e filho – se diferenciam, dialogam e se entrecruzam em torno dos referenciais geográficos multi e transterritoriais dos fenômenos, sistemas, redes e políticas de comunicação e informação que investigam. Trata-se, portanto, de uma incursão metodologicamente exploratória, inspirada nos estudos de trajetória de viés hermenêutico, tal como trabalhado por Isabel Carvalho (2002).

O amplo (porém não exaustivo) levantamento da trajetória e da obra de Armand Mattelart teve como fio condutor três entrevistas por ele concedidas (Bigo & A. Mattelart, 2009; Constantinou, 2008; A. Mattelart, 2014); três itinerários intelectuais (Araújo, 2009; Maldonado, 1999; Zarowsky, 2012) e dois repositórios virtuais nos quais se encontram verbetes dedicados ao autor (Filosofia en Español, s.d.; Infoamerica, s.d.). Já a reconstrução do percurso intelectual de Tristan Mattelart tem como ponto de partida a publicação da sua tese de doutorado, em 1995, e se apoia nas fontes institucionais ligadas às suas vinculações como professor-investigador em Comunicação Internacional na Universidade de Paris.

Sociólogo com Doutorado em Direito e Ciência Política na Université Catholique de Louvain, Bélgica, Armand Mattelart pauta-se, desde os seus primeiros escritos sobre comunicação, pela observação da multinacionalização, internacionalização, mundialização e globalização dos fenômenos, sistemas e redes de informação e comunicação (e de suas tecnologias correspondentes), associadas à expansão do capitalismo, aos embates ideológicos e às relações de poder exercidas nessas macroescalas. Já Tristan, embora também tenha um foco de interesse transnacional, dá mais atenção a fenômenos midiáticos e culturais contemporâneos concentrados em recortes regionais, sobretudo os circunscritos à Europa e às suas áreas de influência na África e na Ásia. Ao final, ambos se encontram no caráter transterritorial dos fenômenos comunicacionais e culturais que observam.

ARMAND MATTELART: NA ESPIRAL DO TEMPO

O primeiro contato de Armand Mattelart com a geografia talvez tenha sido por meio do atlas que seu avô lhe mostrava para contar histórias da Segunda Guerra Mundial, conforme lembrou no livro *Por una Mirada-Mundo* (A. Mattelart, 2014), uma *autobiografía conversada* com seu orientando Michel Sénécal, lançada em Barcelona, em 2014. Como observou Azahara Cañedo (2015), em sua resenha, naquela época nada indicava que “aquele menino se

converteria em uma figura extraordinária no estudo da comunicação e da cultura do nosso tempo”² (p. 196). Muito menos que ele construiria sua trajetória pessoal, intelectual, amorosa e familiar atrelada aos tantos lugares do mundo em que viveu e por onde passou, guiado por missões recebidas da Igreja Católica, nos quais deixou marcas indeléveis, especialmente na América Latina.

Mas foi justamente a aproximação com uma área correlata à Geografia, a Demografia, que o levou a atravessar oceanos para uma missão no Chile, aonde chegou em 1962, aos 26 anos, como especialista em políticas populacionais, enviado pelo Vaticano à Universidad Católica de Chile, onde fez carreira acadêmica. A especialização nessa área foi obtida no Instituto de Estudos Demográficos de Paris, fundado por Alfredo Sauvy, apontado como o criador da expressão “*terceiro mundo*” – definida como “*terceiro estado* constituído pelos países pobres do mundo que não pertenciam nem à *nobreza* capitalista do primeiro mundo nem ao *clero* comunista do segundo mundo”³, conforme o dicionário on-line Filosofía en Español (s.d., para. 2).

Assim, entre 1963 e 1968, Mattelart publicou alentados estudos diagnósticos das estruturas sociais na América Latina, análises demográficas associadas ao desenvolvimento regional, um ensaio de regionalização social no Chile e até um *Atlas Social de las Comunas de Chile* (esses dois últimos patrocinados pela Presidência do país). Boa parte desses estudos foi produzida sob a presidência de Eduardo Frei (1964-1970), primeiro democrata cristão a se tornar chefe de Estado no Chile. O objetivo desses estudos seria “confrontar, a partir da perspectiva espiritual católica, os modelos estratégicos de planejamento familiar que as fundações Ford e Rockefeller estavam implantando no contexto da Aliança para o Progresso”⁴ (Filosofía en Español, s.d., para. 4).

De acordo com Espinoza (2017), foi somente após começar a trabalhar para as Nações Unidas, como especialista em desenvolvimento social, que Mattelart iniciou seus estudos sobre os meios de comunicação de massa. Para isso, montou um grupo de pesquisa com Michèle Mattelart e Mabel Piccini no Centro de Estudios de la Realidad Nacional (Ceren), então recém-criado na Universidad Católica de Chile. Esse redirecionamento na trajetória de Armand deveu-se à “necessidade de a Igreja católica adaptar-se ao avanço da revolução

² No original: “aquel niño se convertiría en una figura extraordinaria en el estudio de la comunicación y la cultura de nuestro tiempo”.

³ No original: “*tercer estado* constituído por los países pobres del mundo que no pertenecían ni a la *nobleza* capitalista del primer mundo ni al *clero* comunista del segundo mundo”.

⁴ No original: “confrontar desde la perspectiva espiritual católica los modelos estratégicos de planificación familiar que estaban implantando las fundaciones Ford y Rockefeller, en el contexto de la Alianza para el Progreso”.

latino-americana, impulsionada, sobretudo, pela Cuba comunista”⁵ (Filosofia en Español, s.d., para. 4), de modo “que estavam ingressando nos campos das estratégias de comunicação aplicadas ao combate ideológico, político e social, a fim de construir alternativas ideológicas e políticas, tanto ao comunismo ateu, quanto ao imperialismo protestante norte-americano”⁶ (Filosofia en Español, s.d., para. 4). Com a vitória eleitoral da Unidade Popular (UP) e de Salvador Allende como presidente do Chile, o sociólogo passou a se dedicar ao desenvolvimento de políticas de comunicação nesse país, até o golpe de Estado de 11 de setembro de 1973, liderado por Augusto Pinochet.

Entre 1971 e 1975, Mattelart publicou seis livros (dois deles em coautoria), nos quais seu pensamento crítico em relação a comunicação, cultura e tecnologias, no contexto da expansão transnacional do capitalismo, apresentava-se com clareza já a partir dos títulos (Quadro 1). A obra inaugural dessa vertente, em parceria com o argentino Ariel Dorfman, logo se converteria em um best-seller movido a controvérsia, devido ao seu tom propositalmente “panfletário”. Era *Para Ler o Pato Donald: Comunicação de Massa e Colonialismo*, publicado em vários países a partir de 1971, incluindo no Brasil, onde chegou à sexta edição em 2010⁷. Logo na introdução, os autores dão a dimensão transnacional por onde caminhava o “império Disney” (indissociável do “projeto imperialista norte-americano”): “histórias em quadrinhos em cinco mil jornais diários, traduções em mais de trinta idiomas, lido em cem países” (A. Mattelart & Dorfman, 1971/1980, p. 15).

suas criações e símbolos se transformaram numa reserva inquestionável do acervo cultural do homem contemporâneo: os personagens têm sido incorporados em cada lugar, colados nas paredes, acolhidos em plásticos e almofadas, e por sua vez têm retribuído convidando os seres humanos a pertencer à grande família universal Disney, além das fronteiras e das ideologias, aquém dos ódios e das diferenças e dos dialetos. Omitem-se com este passaporte as nacionalidades, e os personagens passam a constituir ponte supranacional por meio da qual se comunicam entre si os seres humanos. (A. Mattelart & Dorfman, 1971/1980, pp. 15-16)

⁵ No original: “necesidad de la Iglesia católica de adaptarse al avance de la revolución latinoamericana, impulsada sobre todo desde la Cuba comunista”.

⁶ No original: “que se fueran adentrando en los terrenos de las estrategias de comunicación aplicadas al combate ideológico, político y social, para poder construir alternativas ideológicas y políticas, tanto al comunismo ateo como al imperialismo protestante norteamericano”.

⁷ O subtítulo original em espanhol era *Manual de Descolonización Antinorteamericana*. Já a versão editada na Inglaterra, em 1975, recebeu o subtítulo de *Imperialist Ideology in the Disney Comic* e teve o seu primeiro lote, que chegou aos EUA “apreendido pelo Tesouro norte-americano, acusado de violação de direitos autorais”, segundo Érico Assis (2017, para. 11).

A partir de então, a macroescala geográfica de preocupações de Armand Mattelart, coerente com a abordagem crítica da expansão capitalista sob a perspectiva do humanismo católico no qual foi criado, consolidou-se progressivamente, sobretudo na produção pós-Chile⁸. Segundo Sénecal (A. Mattelart, 2014), ao retornar à França, terra natal de Michèle, Armand sente-se como um exilado e enfrenta questões identitárias e profissionais, ao se dar conta de que nunca havia publicado em francês⁹ e ao ficar afastado da vida universitária por um tempo, até se tornar professor emérito da Université Paris 8-Vincennes, em Saint-Denis.

Quadro 1. Livros sobre comunicação e cultura de Armand Mattelart

Ano	Título (e coautor, quando há)
1971	<i>Comunicación Masiva y Revolución Socialista</i> (Chile)
1977	<i>Para Ler o Pato Donald: Comunicação de Massa e Colonialismo</i> (com Ariel Dorfman) [1971]
1972	<i>Agresión desde el Espacio. Cultura y Napalm en la Era de los Satélites</i>
1973	<i>La Comunicación Masiva en el Proceso de Liberación</i>
1974	<i>La Cultura Como Empresa Multinacional</i>
1974	<i>Mass Media, Idéologies et Mouvement Révolutionnaire</i> (Chili 1970-1973)
1976	Multinacionais e Sistemas de Comunicação. Os Aparelhos Ideológicos do Imperialismo [s/d]
1980	<i>Télévision: Enjeu Sans Frontières: Industries Culturelles et Politique de la Communication</i> (com Jean-Marie Piemme)
1982	<i>Technologie, Culture et Communication. Rapport au Ministre de la Recherche et de l'Industrie</i> (com Yves Stourdzé)
1983	<i>L'ordinateur et le Tiers Monde: L'Amérique Latine à L'heure des Choix Télématiques</i>
1984	<i>La Culture contre la Démocratie? L'audiovisuel a L'heure Transnationale</i> (com Michèle Mattelart e Xavier Delcourt)
2004	<i>Pensar as Mídias</i> (com Michèle Mattelart) [1986]
1989	<i>L'Internationale Publicitaire</i>
1990	<i>La Publicité</i>
1994	<i>A Comunicação-Mundo: História das Ideias e das Estratégias</i> [1991]
1994	<i>A Invenção da Comunicação</i> [Instituto Piaget, Lisboa]
1999	<i>História das Teorias da Comunicação, com Michèle Mattelart</i> [1995]

(continua...)

⁸ Armand e Michèle Mattelart deixaram o Chile com os pequenos Gurvan e Tristan logo após o golpe que derrubou o presidente Salvador Allende, em 11 de setembro de 1973. Desde então estão radicados na França.

⁹ Em 2015, a editora francesa Presses de Mines lançou uma antologia reunindo textos sobre comunicação e cultura publicados por Armand Mattelart em diferentes idiomas, entre 1970 e 1986, divididos em três volumes: *Communication, Idéologies et Hégémonies Culturelles*; *Communication, Cultures Populaires et Émancipation*; *Communication Transnationale et Industries de la Culture*. Os três volumes foram organizados pelo próprio Mattelart, junto com Fabien Granjon e Michel Sénecal (seu ex-orientando).

Quadro 1. *Continuação*

Ano	Título (e coautor, quando há)
1996	A Mundialização da Comunicação (Instituto Piaget, Lisboa)
2002	História da Sociedade da Informação [2001]
2002	História da Utopia Planetária: Da Cidade Profética à Sociedade Global [1999]
2004	Introdução aos Estudos Culturais (com Érik Neveu) [2003]
2005	<i>Diversité Culturelle et Mondialisation</i>
2007	<i>Identifier et Surveiller: Les Technologies de Sécurité</i> (com Christophe Wasinski)
2007	<i>La Globalisation de la Surveillance</i>
2010	<i>Pour un Regard-Monde</i> (entrevista a Michel Sénécal)
2015	<i>De Orwell al Cibercontrol</i> (com André Vitalis; tradução do francês de Juan Carlos Miguel de Bustos)

Nota. Elaboração própria a partir de listagem disponível no site *Filosofia en Español* (títulos em espanhol) e buscas complementares em livrarias virtuais internacionais (francês), além do acervo pessoal em português. Cronologia por título em português ou no original (espanhol ou francês). Na ausência de títulos em português optou-se pelo idioma da primeira edição. Nos títulos editados no Brasil indica-se o ano do original entre colchetes, à exceção de *Multinacionais e Sistemas de Comunicação*, que está sem data no original. Os títulos do Instituto Piaget são primeiras edições.

É nesse contexto de retorno à França que ele intensifica a sua produção em parceria com Michèle e outros autores, e realiza o filme-documento *La Espiral*, que também produziu e dirigiu juntamente com um grupo de franceses notabilizados por seu *cinema militante* transfronteiras: Jacqueline Meppiel, criadora do departamento de montagem da Escola de Cinema de San Antonio de los Baños, em Cuba (onde faleceu); Valérie Mayoux, que dirigiu *Cuba: Battle of the 10.000.000*; e Chris Marker, diretor do aclamado documentário *A. K.*, sobre o cineasta japonês Akira Kurosawa.

Em 2008, Mattelart (2008/2017) publicou um artigo intitulado *La Espiral: Notas al Margem de una Aventura Cinematográfica*¹⁰, no qual relata o processo de produção do documentário (entre 1974 e 1975) e busca esclarecer alguns pontos controversos e desfazer alguns mal-entendidos – como o de que o filme não conta a história da Unidade Popular (UP)¹¹ e sim a dos seus adversários, com o objetivo de explicar como a direita chilena transformou os três anos do governo Allende no que Mattelart chamou, no artigo, de uma “máquina infernal”. Narrado em francês e com quase 140 minutos de duração, o filme estreou na França em 1976, mas só foi exibido oficialmente no Chile trinta anos depois.

Em entrevista à revista *Cultures & Conflits* (Bigo & A. Mattelart, 2009), o sociólogo belga explicou como seu acompanhamento diário dos editoriais do

¹⁰ Publicado originalmente nos *Cuadernos Críticos de la Comunicación*, nº 4, da Universidad Autónoma de Barcelona.

¹¹ Coalizão partidária de esquerda formada para eleger Salvador Allende, que presidiu o Chile de 1970 a 1973 e pretendia alcançar o socialismo por meio da institucionalidade democrática.

jornal *El Mercurio* foi útil para construir, no filme, uma narrativa reveladora da “importância estratégica que a luta cultural e ideológica adquiriu através dos meios [de comunicação]”¹² (para. 14) e de como foram fundamentais para a construção dessa narrativa os registros em fotos, filmes e vídeos realizados por cineastas e jornalistas de vários países (Cuba, França, Bélgica, Itália), incluindo norte-americanos “que haviam se apaixonado pela experiência chilena”¹³ (para. 19), além dos próprios chilenos.

Um dos maiores desafios do filme, concebido logo depois do golpe de Estado no Chile, foi dar conta de remontar a complexidade dos acontecimentos, especialmente em relação ao papel dos Estados Unidos. A solução, segundo Mattelart (Bigo & A. Mattelart, 2009), foi aproveitar imagens das audiências públicas do Senado dos EUA, gravadas em 1972, “sobre o complot tramado pela empresa ITT [International Telephone & Telegraph], em conluio com a CIA [Central Intelligence Agency] e o jornal *El Mercurio* [de Santiago], com o objetivo de impedir a posse do presidente Allende”¹⁴ (para. 47). Uma articulação transnacional.

Estava criada a ponte para o trabalho seguinte a, como chama o autor, essa “aventura cinematográfica” de Armand Mattelart: o livro *Multinacionais e Sistemas de Comunicação: Os Aparelhos Ideológicos do Imperialismo*, o primeiro publicado originalmente em francês, em 1976, e lançado alguns anos depois em português (A. Mattelart, 1976/s.d.) e inglês. É interessante observar que, apesar de escrita já na fase europeia, a obra carrega o estilo metodológico dos estudos empíricos aplicados dos tempos do Chile, quando seus estudos eram quase exclusivamente baseados em documentos de fontes diversas (relatórios de empresas, governos e organismos multilaterais; periódicos especializados, jornais de grande circulação nacional e internacional; análises setoriais de negócios). Todas as fontes utilizadas estão citadas em notas de rodapé e não há uma lista de referências bibliográficas ao final da publicação, como de praxe.

Com isso, as noções teóricas que vão sendo construídas ao longo do livro – e que se desdobrarão em outras obras futuras – são inferências da profusão de dados quantitativos e da identificação dos papéis de diferentes atores na configuração de um novo cenário tecnológico para a circulação de informação e práticas de comunicação para públicos massivos, não mais restritos ao território nacional. A noção de *aparelhos ideológicos*, por exemplo, transposta do Estado (escala nacional) para o *imperialismo* (escala mundial), passa ao largo das discussões

¹² No original: “importancia estratégica que adquirió la lucha cultural e ideológica a través de los medios”.

¹³ No original: “que se habían apasionado por la experiencia chilena”.

¹⁴ No original: “sobre el complot tramado por la empresa ITT, en complicidad con la CIA y el periódico *El Mercurio*, con el fin de impedir la investidura del presidente Allende”.

teóricas de Antonio Gramsci e Louis Althusser, muito abordadas no meio acadêmico brasileiro à época.

A partir de 1980, Armand Mattelart publicou vários livros em coautoria, sete deles com Michèle Mattelart, nos quais desdobra teoricamente termos despontados a partir dos dados e evidências sistematizados criticamente na obra de 1976, com base no tripé comunicação, cultura e tecnologia. Entre as produções do casal, duas tornaram-se bibliografia recorrente nos cursos de Comunicação do Brasil: *Pensar as Mídias*, de 1986, lançado tardiamente no país 18 anos depois (Mattelart & Mattelart, 1986/2004); e *História das Teorias da Comunicação*, de 1995, editado em português em 1999 (Mattelart & Mattelart, 1995/1999).

A partir dos anos 1990, Armand Mattelart adere definitivamente ao método histórico como abordagem espaço-temporal dos processos que explicam as configurações contemporâneas dos sistemas de informação e comunicação. Ou como “arqueologia de saberes sobre a comunicação”, como ele se refere em *Comunicação-Mundo: História das Ideias e das Estratégias*, lançado na França em 1991 e no Brasil três anos depois (A. Mattelart, 1991/1994a). Neste livro, o autor organiza os temas baseando-se em uma cronologia (organizada em apêndice), que vai de 1º de janeiro de 1788, data de lançamento do jornal *Times*, com notícias atrasadas de Roterdã, Paris, Frankfurt e Varsóvia, a 1991, ano de instauração de um *pool* de jornalistas na Guerra do Golfo.

O livro inicia com a emergência das redes técnicas de comunicação, inauguradas com o telégrafo óptico, que abrem caminho para “um novo modo de troca e circulação de bens, mensagens e pessoas” (A. Mattelart, 1991/1994a, p. 15). Então, segue pontuando os modelos de negócios e de governabilidade que vão sendo adotados a cada inovação tecnológica ou projeto de poder (modelo comercial ou monopólio de Estado), em diferentes países e épocas. A documentação das análises, com muitos dados extraídos de relatórios técnicos, continua sendo uma marca registrada do autor, mas agora acompanhada de vasta literatura teórica, incluindo Gramsci e Althusser; o filósofo do espaço Henri Lefebvre e o geógrafo Friedrich Ratzel, referência da Antropogeografia e da Geografia Política.

Em coerência com seu título, *Comunicação-Mundo* dedica atenção significativa à discussão das noções de mundialidade, mundialização e sistema-mundo; universal, universalidade; global, globalização – que “levaram vantagem sobre os vocábulos internacional e internacionalização” (A. Mattelart, 1991/1994a, p. 248) –; multinacional; transnacional; transfronteiras; imperialismo; geopolítica. Mas também pontua questões espaciais então emergentes, como as do binômio desterritorialização/reterritorialização; do “espaço nômade”; das sociedades de

controle e vigilância tecnológica em escala global, temas que dialogam com a produção acadêmica de Tristan Mattelart, como será visto adiante.

Um parágrafo quase no final desse livro assinala as relações dialéticas que emergiram nos anos 1980, de retorno aos “espaços singulares”, que persistem nesse século 21, na contramão dos “geoestrategistas da economia-mundo”:

À medida que se desdobrava o “sistema-mundo”, conectando as diversas sociedades com produtos e redes chamados a funcionar sob o modo “universal”, foram-se elaborando abordagens da transnacionalização da cultura que se preocupavam em restituir-lhe seu caráter de processo de interações múltiplas. A atenção dos pesquisadores vai se fixar nas respostas dessas sociedades singulares à proposta de reorganização das relações sociais apresentada pelos novos dispositivos de comunicação transnacional que, simultaneamente, desestruturam e reestruturam os espaços nacionais e locais. Tais respostas são feitas de resistência, mimetismo, adaptação, reapropriação. Em suma, doravante, vamos interrogar-nos sobre os processos de “resignificação” pelos quais essas inumeráveis ramificações ligadas às redes que constituem a trama da mundialização adquirem um sentido para cada comunidade. (A. Mattelart, 1991/1994a, p. 264)

No livro *A Invenção da Comunicação*, publicado em 1994 pelo Instituto Piaget, de Lisboa, Mattelart (1994b) aprofunda a abordagem geo-histórica ao revisitar diversas doutrinas e teorias que, ao longo de séculos, contribuíram para a reflexão dos fenômenos da comunicação, para além da sua modalidade midiática. Nesse percurso, que se inicia com o verbete da palavra *comunicação*, escrito *pessoalmente* pelo filósofo francês Denis Diderot, em 1753, para a *Enciclopédia*, o autor segue pautado pelas *formulações estratégicas* e atento aos *estudos de mercado* que indicam as continuidades e rupturas do campo.

Desde que a comunicação – para lá dos diversos significados conferidos por cada época – iniciou a sua trajectória em busca do ideal da razão, a representação que dela fazemos sofre os efeitos contrários da emancipação e do controlo, da transparência e da opacidade: por um lado, a lógica da libertação de todos os entraves, de todos os preconceitos herdados do pensamento do dogma e, por outro, a lógica da restrição de uma ordem social e produtiva. Os meios de deslocação que possibilitam escapar ao isolamento e às fronteiras mentais e físicas permitem, ao mesmo tempo, desencadear o movimento e consolidar o centro a partir da periferia. (A. Mattelart, 1994b, p. 10)

Pode-se dizer que *Comunicação-Mundo* (A. Mattelart, 1991/1994a), *A Invenção da Comunicação* (A. Mattelart, 1994b) e *A Mundialização da*

Comunicação (A. Mattelart, 1996) são uma espécie de trilogia do aprofundamento epistemológico do pensamento mattelartiano, em que a cada volume o autor sofisticava as interpretações dos temas e dos autores de referência, tornando-se mais teórico e abandonando quase por completo as referências factuais empíricas da fase chilena e logo após. É justamente nessa *trilogia* que os pesquisadores das Geografias da Comunicação podem encontrar as referências mais interessantes para seus estudos (além das já citadas), com abordagens sobre movimento e circulação; hierarquização do mundo, da periferia ao centro; religião tecnoglobal; cidadania mundial; geopolítica da sociedade global, entre outras.

TRISTAN MATTELART: NO MOVIMENTO DA IMAGEM

Doutor em Comunicação pela Université Stendhal Grenoble (Suíça), Tristan Mattelart é professor do Institut Français de Presse (IFP), que atua como uma Unidade de Formação e Pesquisa e Departamento de Ciências da Informação e da Comunicação da Universidade de Paris 2. É também pesquisador do Centre d'Analyse et de Recherche Interdisciplinaires sur les Médias (Carism), vinculado ao IFP, onde tem como linha de pesquisa a “transformação das lógicas de circulação internacional da informação na era digital” (<https://bit.ly/2VN9hPd>). Anteriormente, foi professor-pesquisador de comunicação internacional da Universidade de Paris-8, vinculado ao Centro de Estudos de Mídias, Tecnologias e Internacionalização (Cemti, em francês).

Uma análise, ainda que provisória, da obra de Tristan não deixa dúvidas do quanto os referenciais geográficos têm sido importantes para as suas investigações, que podem contribuir para os que atuam no subcampo das Geografias da Comunicação interessados na escala internacional. As espacialidades trans-territoriais demarcam sua trajetória acadêmica desde a pesquisa para a sua tese de doutorado, defendida em 1994 e publicada em livro no ano seguinte, sob o título *Le Cheval de Troie Audiovisuel, le Rideau de Fer à L'épreuve des Radios et Télévisions Transfrontières* (T. Mattelart, 1995) – O Cavalo de Troia Audiovisual, a Cortina de Ferro à Prova de Rádios e Televisões Transfronteiras, em tradução livre.

A exemplo do pai, sua inserção na comunicação internacional é explícita, tanto nas disciplinas que ministra ou ministrou (Internationalisation des médias: théories et enjeux; Géopolitique des médias et de l'internet; Médias et mobilisations internationales; Médias et relations internationales; entre outras), quanto em suas linhas de pesquisa e nos títulos das suas publicações (a serem exploradas adiante). Mas, diferente de Armand (até por uma questão geracional

e de vivência pessoal¹⁵), seu trabalho concentra-se nas questões sociais, culturais, políticas e econômicas associadas à transnacionalização da mídia, em especial as produções em vídeo para consumo doméstico ou para transmissões pela TV, e, mais recentemente, os produtos digitais.

Também diferente de Armand, que mantém seu foco na escala mundial/global, a partir de uma perspectiva latino-americana, Tristan sempre dirigiu seu olhar para o mundo situado a leste do Meridiano de Greenwich, raras vezes se interessando pelo que se passa na comunicação das Américas, tão estudada pelo sociólogo belga. Outra diferença é que a produção intelectual de Tristan (aqui situada entre 1994 e 2019) não se distingue por fases cronológicas e sim por tematizações, que têm em comum os fenômenos informacionais e midiáticos que atravessam fronteiras, com ênfase às produções e sistemas audiovisuais. Assim, se o foco do pai é a inserção da comunicação e da informação no sistema-mundo, no sentido macroescalar (planetário) do termo, a *mundialização cultural*¹⁶ do filho tende a se restringir a certos recortes regionais nas fronteiras entre Europa, Ásia e África.

Com base em um levantamento de 18 títulos em francês e inglês, entre livros e artigos, publicados nos últimos 25 anos (Quadro 2), ensaiamos um enquadramento da obra de Tristan Mattelart em três grandes tematizações: mídias e fluxos transfronteiras; comunicação transnacional diaspórica; mundialização cultural e cultura globalizada.

A primeira tematização emerge da pesquisa de doutorado, na qual Tristan Mattelart investigou o papel estratégico que a mídia audiovisual ocidental desempenhou durante a *guerra fria* entre Estados Unidos e União Soviética¹⁷ como *atores transnacionais*. A orientação da pesquisa foi a de que esses meios de comunicação ajudaram a manter as condições de *livre fluxo entre Ocidente e Oriente*, apesar da *cortina de ferro* instalada para impedir a recepção de sinais eletromagnéticos indesejáveis. Com ajuda de discentes e de turistas comuns, instalou-se um intenso contrabando de fitas cassete procedentes de diversos países (inclusive do Brasil), dando um primeiro acesso às populações da URSS e do Leste Europeu à visão de mundo e modos de vida ocidentais (internacionalizados) veiculados pelos canais audiovisuais das democracias liberais (T. Mattelart, 1994, 1999).

¹⁵ Importante destacar que enquanto Armand teve uma intensa vivência dos problemas latino-americanos, com onze anos de permanência no Chile, além de estadias no México e em Cuba como professor-pesquisador, Tristan foi criado na França a partir dos 8 anos de idade e teve toda a sua formação baseada nos referenciais europeus.

¹⁶ Embora o termo *mondial* e seus derivados utilizados por Tristan em francês sejam sempre traduzidos para o inglês como *global* (e seus sucedâneos), optou-se aqui por traduzi-los a partir de *mundial*, em função da controvérsia ainda reinante sobre a diferenciação conceitual entre os dois termos.

¹⁷ Período que se estende da Doutrina Truman, de 1947, até a dissolução da União Soviética, em 1991.

Quadro 2. Principais publicações de Tristan Mattelart (1994-2020)

Ano	tipo	título
1994	artigo	<i>Pre-1989 East-West Video: Entertainment without Borders</i>
1995	livro	<i>Le Cheval de Troie Audiovisuel, le Rideau de Fer à l'Épreuve des Radios et Télévisions Transfrontières</i>
1999	artigo	<i>Transboundary Flows of Western Entertainment across the Iron Curtain</i>
2002	livro (ed.)	<i>La Mondialisation des Médias Contre la Censure. Tiers Monde et Audiovisuel Sans Frontières</i>
2006	artigo	<i>French Television Confronts Urban Revolts</i>
2007	livro	<i>Médias, Migrations et Cultures Transnationales</i>
2008	artigo	<i>La Télévision de la Ve République, entre Logiques Nationales et Internationales</i>
2009	artigo	<i>Audio-Visual Piracy: Towards a Study of the Underground Networks of Cultural Globalization</i>
2009	artigo	<i>Les Diasporas à l'Heure des Technologies de l'Information et de la Communication: petit Etat des Savoirs.</i>
2011	livro	<i>Piratages Audiovisuels. Les Voies Souterraines de la Mondialisation Culturelle</i>
2012	artigo	<i>Audiovisual Piracy, Informal Economy, and Cultural Globalization</i>
2014	artigo	<i>Les Enjeux de la Circulation Internationale del'Information.</i>
2014	livro (ed)	<i>Médias et Migrations dans l'Espace Euro-Méditerranéen</i>
2016	artigo	<i>The Changing Geographies of Pirate Transnational Audiovisual</i>
2016	livro (ed)	<i>Géopolitique des Télévisions Transnationales d'Information</i> (com Olivier Koch)
2019	cap.livro	<i>Information and News Inequalities</i> (com mais dois autores)
2019	dossiê	<i>Media, Communication Technologies and Forced Migration</i> [Introdução]
2019	dossiê (cap.)	<i>Media, Communication Technologies and Forced Migration: Promises and Pitfalls of an Emerging Research Field</i>

Nota. Elaboração própria com base em informações coletadas em repositórios de livros e artigos acadêmicos.

O passo seguinte foi o rompimento dos mecanismos de controle estatal desses países pelo sinal de satélite enviado de fora das fronteiras, permitindo a transmissão de imagens de realidades econômicas e culturais que conflitavam com o discurso ideológico vigente. Era um *cavalo de troia do ar*, conforme identificou um jornal tcheco na época, cuja interpretação irônica encontra eco em autores conservadores como Raymond Aron, ou liberais como Wilson Dizard, presentes na bibliografia da pesquisa, de acordo com Cécile Duret (1996).

Desde então, Tristan vem observando como emissoras de rádio internacionais e canais de TV com transmissão via satélite ou via internet vêm contribuindo para contornar políticas nacionais de censura em países que ele ainda identificava, em 2002, como de *terceiro mundo*. Para o autor, essas mídias

configuram um *audiovisual sem fronteiras*, a partir de uma perspectiva liberal. Na década seguinte, ele identificou novos atores nesse mercado televisivo trans-fronteiras, que motivaram a organização de uma coletânea de artigos intitulada *Géopolitique des Télévisions Transnationales d'Information*, em parceria com Olivier Koch, professor da Universidade de Galatasaray (Istambul, Turquia), e publicada em 2016.

O foco, dessa vez, foram os canais noticiosos de TV e agências de notícias em vídeo criados por países de diferentes partes do mundo – como Catar, China, Rússia e Venezuela – para se contrapor às perspectivas de mundo distribuídas pelas grandes redes internacionalizadas de televisão estadunidenses e europeias. Os autores remetem a discussão aos debates dos anos 1970 sobre os fortes desequilíbrios na circulação internacional de notícias (que motivaram a discussão de uma Nova Ordem da Informação e da Comunicação – Nomic), a fim de compreender melhor o que esses novos *players* representam no contexto contemporâneo, inclusive do ponto de vista geopolítico. Entre eles estão Al Jazeera, TeleSUR, Russia Today, além de canais chineses e indianos, que atuam como *dispositivos de diplomacia televisual* (Koch & T. Mattelart, 2016).

A partir de achados do livro *Medias, Migrations et Cultures Transnationales*, editado em 2007, Tristan Mattelart obteve financiamento para um projeto de pesquisa colaborativa chamado MediaMigraTerra, que permitiu uma outra frente de tematização próxima às geografias da comunicação, com uma perspectiva bem regional: a relação entre mídias e migrações no espaço euro-mediterrâneo. Realizado entre 2008 e 2011, o projeto gerou, inicialmente, um breve *estado da arte* sobre as diásporas na era das tecnologias de informação e comunicação (T. Mattelart, 2009a).

Com apoio teórico dos estudos culturais e da então novata netnografia, o artigo faz uma revisão de vários estudos empíricos sobre como pessoas separadas por migrações forçadas passam a utilizar os recursos disponíveis online para se comunicar, reatar laços e construir novas relações comunitárias e identitárias. Do ponto de vista geográfico, emergem dos estudos expressões que revelam o impacto de perder o chão de onde se é (ou o senso de lugar): *nações desassociadas; estados-nação desterritorializados; vidas transnacionais; relações transnacionais; localidades transnacionais; transnacionalidade forçada; transnacionalismo banal; de imigrante a transmigrante*¹⁸ (T. Mattelart, 2009a).

Dos dilemas desses sem-lugar surgem os esforços de reconexão a partir das tecnologias de informação e comunicação (TICs): *comunicação com o ausente; diásporas digitais; espaços diaspóricos mediados; espacialidades mediadas;*

¹⁸ Tradução livre dos termos em francês.

*comunidades virtuais de migrantes*¹⁹. Alguns termos são até difíceis de traduzir, como *diasporic mediascapes*. Naquele momento em que o uso dos celulares surgia como instrumento de reconexão, outras questões mais complexas emergiam – como os limites territoriais para o espaço virtual, exemplificados pelas redes transnacionais online e offline de imigrantes iranianos e turco-curdos na Holanda, ou como construir um modo de ser grego, italiano, indiano etc. no ambiente da internet (T. Mattelart, 2009a).

O resultado da pesquisa MediaMigraTerra só foi publicado em 2014, no livro *Médias et Migrations dans l'Espace Euro-Méditerranéen* (T. Mattelart, 2014). Mas a tematização da virtualização das relações diaspóricas prosseguiu e gerou um dossiê no *European Journal of Communication*, em 2019: *Media, Communication Technologies and Forced Migration: Promises and Pitfalls of an Emerging Research Field* [Mídia, tecnologias de comunicação e migração forçada: promessas e armadilhas de um emergente campo de pesquisa, em tradução livre] (T. Mattelart, 2019a, 2019b).

Por fim, o terceiro tema identificado nas pesquisas de Tristan Mattelart é o mais próximo da obra de Armand e Michèle Mattelart: a pirataria audiovisual como um fenômeno da cultura globalizada e da mundialização da cultura – que também remete ao começo da obra do professor da Sorbonne, quando resgatou, para a sua tese de doutorado, o *mercado negro* de fitas de vídeo piratas na antiga União Soviética e outros países do Leste Europeu. Não por acaso, é no primeiro artigo dessa linha de pesquisa, inaugurada em 2009, que aparecem duas das raras citações de Armand Mattelart na obra de Tristan: *Multinacionais e Sistemas de Comunicação e Comunicação-Mundo*.

Os três artigos resultantes dessa abordagem (T. Mattelart, 2009b, 2012, 2016), todos em inglês, partem da observação das *redes subterrâneas da globalização cultural*, que ao mesmo tempo em que são criminalizadas (associadas ao crime organizado e responsabilizadas pelos enormes prejuízos às indústrias culturais), geram renda a trabalhadores locais e permitem que populações tenham acesso *aos produtos das indústrias do entretenimento local, regional e global*. Também identificam as ramificações regionais do fenômeno: América Latina, Magreb²⁰, Oriente Médio e Europa Central e Leste.

A realidade da pirataria audiovisual não pode ser reduzida – como tendem a fazer os relatórios de organizações que defendem os interesses das indústrias ocidentais de comunicação – a uma atividade criminoso: em países do Sul e Leste, o fenômeno

¹⁹ Tradução livre dos termos em francês.

²⁰ Denominação não oficial atribuída à região Noroeste da África que abrange Marrocos, Argélia, Tunísia, Mauritânia e Líbia.

responde a uma dinâmica mais profunda. Além disso, longe de representar uma disfunção periférica no panorama audiovisual desses países, é para muitos deles uma parte essencial de sua economia de comunicações²¹. (T. Mattelart, 2009b, p. 320)

Para investigar essa realidade transterritorial em múltiplas escalas, pesquisadores de oito países, representando seis recortes regionais diferentes – Norte da África (Tunísia, Argélia, Marrocos), África Ocidental (Costa do Marfim), Ásia Oriental (Coreia do Sul), América do Sul (Colômbia), Balcãs (Bulgária) e Eurásia (Rússia) – reuniram-se em um projeto coletivo de pesquisa, cujos resultados foram sintetizados por Tristan Mattelart (2012). O estudo desloca o sentido da pirataria para o contexto das relações internacionais de poder, observando as pressões transnacionais sobre o direito de propriedade, bem como os modos como os produtos audiovisuais pirateados circulam e são apropriados pelas populações locais. Nesse estágio da pesquisa, as cópias físicas começam a sofrer o impacto das baixadas na internet, o que torna o fenômeno ainda mais complexo, do ponto de vista social, econômico, cultural e político, indissociável das estruturas institucionais e regulatórias dos países.

Inspirado em Daya Thussu (2007), Tristan (T. Matellart, 2016) analisa até que ponto as redes mundializadas da economia informal (que têm nos camelôs móveis dos grandes centros urbanos do Brasil uma de suas expressões) contribuíram para as mudanças nos fluxos globais do audiovisual. O ponto de partida do estudo foram as condições que viabilizaram a emergência de novos contra-fluxos de pirataria de produtos não ocidentais (ao contrário do observado à época da *guerra fria*). Em seguida, o autor discute se essas condições geraram fluxos contra-hegemônicos, capazes de disseminar conteúdos cujos sentidos se contraponham aos da dominante produção americana. Indaga, ainda, se a pirataria também contribuiu para maior presença global de produtos culturais dos EUA.

Assim, a pesquisa coordenada por Tristan Mattelart dá respostas, ao mesmo tempo em que abre novas questões, ao diagnóstico da internacionalização das industriais culturais descrito por Armand Mattelart mais de 40 anos atrás:

Ao abranger o disco, livro, cinema, rádio-televisão [sic], imprensa, fotografia, reprodução de arte e publicidade, novos produtos e serviços audiovisuais, o conceito [de indústrias culturais] é assumido pela nova situação de concorrência entre as

²¹ No original: “The reality of audio-visual piracy cannot then be reduced – as the reports from organizations defending the interests of the Western communication industries tend to do – to that of a criminal activity: in countries of the South and East, the phenomenon responds to a much deeper dynamic. Furthermore, far from representing a peripheral dysfunction in the audio-visual landscape of these countries, it is for many of them an essential part of their communications economy”.

políticas culturais tradicionalmente conduzidas pelo Estado, que atingem públicos restritos, e os meios de produção e difusão para um público de massa, cada vez mais ligados ao mercado internacional. (A. Mattelart, 1994a, p. 229)

Quadro 3. *Síntese comparativa dos estudos de Armand Mattelart e Tristan Mattelart*

Armand Mattelart		Tristan Mattelart	
Objeto/mídia	Espacialidade	Objeto/mídia	Espacialidade
Quadrinhos, gibis, desenho animado; filmes Disney	Transnacional (<i>imperialismo americano</i>)	Produção audiovisual (vídeos); rádio e TV	Transfronteira; URSS; <i>cortina de ferro</i>
Cultura na era dos satélites	Planetária; espaço sideral; mundial	Fluxos culturais e de entretenimento	Transfronteira; regional
Sistemas de comunicação	Multinacional; mundial; global	Televisão francesa	<i>Lógicas nacionais e internacionais</i>
Publicidade	Internacional	Pirataria audiovisual	<i>Globalização cultural</i>
Sociedade da informação	Mundial	Circulação / fluxos de Informação e notícias	Internacional
Diversidade cultural	Mundial	Geopolíticas das televisões	Transnacional
Tecnologias de identificação e vigilância	Transnacional; global	Migrações, diásporas, mídias e tecnologias da comunicação	Transacional/regional; <i>espaço euro-mediterrâneo</i>

Nota. Elaboração própria com base na bibliografia citada.

O ENCONTRO DOS MATTELART, À GUIA DE CONCLUSÃO

Às vésperas dos 50 anos de publicação do livro *Para Ler o Pato Donald*, obra inaugural de Armand Mattelart no campo da Comunicação em parceria com Ariel Dorfman, o lançamento do serviço de *streaming* por assinatura Disney+ para América Latina e Caribe indica o quanto o *imperialismo cultural* da terra dos Donalds mantém a sua escalada transnacional. Anunciado pela The Walt Disney Company como “um novo capítulo em sua expansão global” e “um marco na história da Companhia na região” (<https://bit.ly/3qpH3rU>), o serviço é oferecido no Brasil em parceria com o maior conglomerado de mídia nacional, o Grupo Globo. Uma aliança de dois gigantes midiáticos que indica quanto o pensamento do sociólogo belgo-francês continua atual e instigante para novos estudos sobre as indústrias culturais contemporâneas, cada vez mais transnacionalizadas.

Por outro lado, no marco dos seus 25 anos, a tese de doutorado de Tristan Mattelart leva-nos a pensar que os serviços clandestinos de TV por assinatura, promovidos por milícias entrincheiradas nas periferias de grandes centros urbanos brasileiros, representam um novo *cavalo de troia audiovisual*. Ao mesmo

tempo, nova *guerra fria* desenha-se na disputa pela hegemonia da tecnologia 5G no mundo (fundamental para a expansão e extensão das comunicações digitais), agora envolvendo um novo ator na disputa leste-oeste, a China.

Nessas duas trajetórias intelectuais, os conceitos geográficos de território e região, bem como as noções adjetivas de mundial, global, internacional e transnacional, permanecem subjacentes, daí a sua relevância para o subcampo das Geografias da Comunicação. Essa *invisibilidade* relativa da geografia nas obras dos dois Mattelart é análoga à da comunicação entre geógrafos pesquisadores (Hillis, 1998), que em sua maioria continuam pensando os fenômenos comunicacionais a partir da sua materialidade (canais, redes, circuitos), como já demonstrado em estudos anteriores (Aguiar, 2013, 2019).

Assim, as obras de pai e filho – ambos pesquisadores de sistemas de informação e da comunicação internacional – aqui confrontadas apontam para a importância da perspectiva transnacional por eles adotada, seja na escala mundial/global/planetária; seja na escala regional intracontinental (como América Latina e Europa Mediterrânea); ou ainda em recortes intercontinentais, como no caso dos fluxos de informação e produtos culturais (leia-se entretenimento) entre países da Europa, Ásia e África.

Formados em contextos sócio-históricos e geoculturais muito diferentes, cada um seguiu, inicialmente, caminhos bem diferenciados, tanto em termos de objetos de interesse quanto em opções epistemológicas. Mas seus estudos convergem à medida que passam a dar atenção ao impacto das tecnologias digitais na disseminação das indústrias culturais mundo afora; e se encontram nas perspectivas transnacionais que atribuem aos sistemas de comunicação, à publicidade, à pirataria audiovisual, aos fluxos de informação etc., bem como na aproximação com os referenciais da Economia Política da Comunicação e da Cultura.

Os referenciais teóricos das Geografias da Comunicação ensinam-nos que a escolha entre o Chile de Allende e a Rússia da *cortina de ferro*, ou entre o imperialismo americano e as diásporas pelo continente europeu, não é meramente um *recorte* espacial no objeto, e sim uma opção de enquadramento do olhar, que define aquilo a que se quer dar ênfase. Repetindo James Craine (2014), os lugares e os espaços da comunicação e da mídia não são neutros. Tampouco as escalas geográficas de observação. ■

REFERÊNCIAS

- Adams, P. (2009). *Geographies of media and communication*. Wiley-Blackwell.
- Aguiar, S. (2013). Geografias da comunicação contemporânea: Um mapa teórico e empírico do campo. *Contemporânea*, 21(1), 31-47. <https://bit.ly/2L10PK2>

- Aguiar, S. (2019, 2-7 de setembro). *Geografias da comunicação como campo de estudos: Um balanço inicial dos primeiros dez anos no Brasil* [Artigo apresentado]. 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belém, PA, Brasil. <https://bit.ly/3gl8pe4>
- Araújo, C. A. A. (2009). Teoria crítica da informação no Brasil: A contribuição de Armand Mattelart. *RECIIS*, 3(3), 112-119. <https://bit.ly/39IYNZk>
- Assis, E. (2017, 25 de setembro). Para ler os Donalds. *Blog da Companhia*. <https://bit.ly/3qbdEla>
- Bigo, D., & Mattelart, A. (2009). “La spirale”. Entretien. *Cultures & Conflicts*, 74. <https://bit.ly/3mJdvU6>
- Burgess, J. A., & Gold, J. R. (Eds.). (1985). *Geography, the media and popular culture*. Croom Helm.
- Cañedo, A. (2015). Mattelart, Armand. “Por una mirada-mundo. Conversaciones con Michel Sénécal”. *CIC: Cuadernos de Información y Comunicación*, 20, 196-197. <https://bit.ly/2VLZTvo>
- Carvalho, I. C. M. (2002). *A invenção ecológica: Narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil*. UFRGS Editora.
- Constantinou, C. M., (2008). Communications/excommunications: an interview with Armand Mattelart. *Review of International Studies*, 34(S1), 21-42. <https://doi.org/10.1017/S0260210508007766>
- Craine, J. (2014). Media Geography. In B. Warf (Ed.), *Oxford Bibliographies in Geography*. Oxford. <https://doi.org/10.1093/obo/9780199874002-0101>
- Duret, C. (1996). Le cheval de Troie audiovisuel. Le rideau de fer à l'épreuve des radios et télévisions transfrontières (Tristan Mattelart). *Réseaux*, (76), 176-178. <https://bit.ly/2IhFdYS>
- Espinoza, M. (2017, 13 de setembro). Documental ‘La Espiral’ de Mattelart: El rol de los medios en el golpe de Estado en Chile. *La Hayne*. <https://bit.ly/2VPdbY6>
- Falkheimer, J., & Jansson, A. (2006). *Geographies of communication: The spatial turn in media studies*. Nordicom.
- Filosofia en Español (s.d.). Armand Mattelart. In *Averiguador de la filosofía en español*. Recuperado em 6 de dezembro, 2020, de <https://bit.ly/36OGosr>
- Hillis, K. (1998). On the margins: The invisibility of communications in geography. *Progress in Human Geography*, 22(4), 543-466. <https://doi.org/10.1191/030913298669028680>
- Infoamerica. (s.d.) Armand Mattelart: perfil biográfico y académico. Recuperado em 6 de dezembro, 2020, de <https://bit.ly/3a3eIlJ>
- Koch, O., & Mattelart, T. (2016). Introduction. In O. Koch & T. Mattelart (Dir.), *Géopolitique des télévisions transnationales d'information* (pp. 2-24). Mare & Martin.

- Maistre, G. (1971). Pour une géographie des communications de masse. *Revue de Géographie Alpine*, 59(2), 215-228. <https://doi.org/10.3406/rga.1971.1222>
- Maldonado, E. (1999). Teorias críticas da comunicação: O pensamento de Armand. *Intexto*, 2(6), 1-23. <https://bit.ly/3oqjCNl>
- Mattelart, A. (s.d.). *Multinacionais e sistemas de comunicação: Os aparelhos ideológicos do imperialismo*. Ciências Humanas. (Obra original publicada em 1976)
- Mattelart, A. (1994a). *A comunicação-mundo: História das ideias e das estratégias*. Vozes. (Obra original publicada em 1991)
- Mattelart, A. (1994b). *A invenção da comunicação*. Instituto Piaget.
- Mattelart, A. (2002). *História da utopia planetária: Da cidade profética à sociedade global*. Sulina.
- Mattelart, A. (2014). *Por una mirada-mundo: Conversaciones con Michel Sénécal*. Editorial Gedia.
- Mattelart, A. (2017, 13 de setembro). Notas al margen de una aventura cinematográfica: La espiral vuelve a casa. *La Hayne*. <https://bit.ly/2JVzBnF> (Obra original publicada em 2008)
- Mattelart, A., & Dorfman, A. (1980). *Para ler o Pato Donald: Comunicação de massa e colonialismo* (2a ed.). Paz e Terra. (Obra original publicada em 1971)
- Mattelart, A., & Mattelart, M. (1999). *História das teorias da comunicação*. Loyola. (Obra original publicada em 1995)
- Mattelart, A., & Mattelart, M. (2004). *Pensar as mídias*. Loyola. (Obra original publicada em 1986)
- Mattelart, T. (1994). Pre-1989 east-west video: Entertainment without borders. *Réseaux. The French Journal of Communication*, 2(2), 267-280. <https://doi.org/10.3406/reso.1994.3282>
- Mattelart, T. (1995). *Le cheval de Troie audiovisuel, le rideau de fer à l'épreuve des radios et télévisions transfrontières*. Presses Universitaires de Grenoble
- Mattelart, T. (1999). Transboundary flows of western entertainment across the Iron Curtain. *The Journal of International Communication*, 6(2), 106-121. <https://doi.org/10.1080/13216597.1999.9751892>
- Mattelart, T. (2009a). Les diasporas à l'heure des technologies de l'information et de la communication: Petit état des savoirs. *tic&société*, 3(1-2), 10-57. <https://doi.org/10.4000/ticetsociete.600>
- Mattelart, T. (2009b). Audio-visual piracy: Towards a study of the underground networks of cultural globalization. *Global Media and Communication*, 5(3), 308-326. <https://doi.org/10.1177/1742766509346611>

- Mattelart, T. (2012). Audiovisual piracy, informal economy, and cultural globalization, *International Journal of Communication*, 6, 735-750. <https://bit.ly/39Kaor3>
- Mattelart, T. (2014). *Médias et migrations dans l'espace euro-méditerranéen*. Mare et Martin.
- Mattelart, T. (2016). The changing geographies of pirate transnational audio-visual flows. *International Journal of Communication*, 10, 3503-3521. <https://bit.ly/3lMtcs4>
- Mattelart, T. (2019a). Introduction. *European Journal of Communication*, 34(6), 577-581. <https://doi.org/10.1177/0267323119886137>
- Mattelart, T. (2019b). Media, communication technologies and forced migration: Promises and pitfalls of an emerging research field. *European Journal of Communication*, 34(6), 582-593. <https://doi.org/10.1177/0267323119886146>
- Thussu, D. K. (2007). *Media on the move: Global flow and contra-flow*. Routledge.
- Zarowsky, M. (2012). Armand Mattelart: Un itinerário intelectual entre America Latina y Europa. *A Contracorriente*, 9(2), 221-247. <https://bit.ly/3mzxUe9>

Artigo recebido em 1º de outubro e aprovado em 4 de dezembro de 2020.